

# **A VIDA CONFORME O PARADIGMA TECNOLÓGICO: Violência e solidão no mundo globalizado**

**Rebeca Wesla Veloso de Souza**

Estudante do curso de Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Sete de Setembro – FASETE  
E-mail: rebecawesla1@gmail.com

**Gleci Mar Machado de Lima**

Docente da Faculdade Sete de Setembro – FASETE, Paulo Afonso - BA. Psicóloga e Psicanalista; Membro do Centro de Estudos Freudianos do Recife – CEF. Especialista em Psicomotricidade pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO). Mestre em Psicomotricidade pela Universidade de Évora – Portugal e Universidade Federal do Ceará.  
E-mail: glecimachado@yahoo.com.br

## **RESUMO**

O presente trabalho surgiu de uma inquietação, a partir do movimento tecnológico no mundo globalizado. Baseando-se no sistema de produção e de informação no qual não se fala mais e nem se escuta. A comunicação generalizada e a superinformação ameaçam as relações humanas. Um sistema em que predomina a virtualidade através das imagens, frente ao excesso de sentido. Através de uma revisão bibliográfica, buscou-se uma caracterização da sociedade atual com o objetivo de analisar de que forma a virtualidade influencia na subjetividade contemporânea e de que maneira as redes sociais contribuem para potencialização da violência e solidão no mundo globalizado. Embora o mundo tenha avançado de forma científica e tecnológica, ainda assim, não fornece explicações para a finalidade da vida. Remetem, antes, a um excesso de tentativa de controle do desconhecido e sobre si mesmo. As relações, cada vez mais, são efêmeras e atravessadas por uma crescente violência e solidão que hoje se apresentam desmedidamente em todos os ambientes. No entanto, a virtualidade, encanta, torna-se resposta para o confronto com o vazio, mas suas consequências favorecem uma nova forma de isolamento.

**Palavras-chave:** Violência. Solidão. Tecnológico. Globalizado

## **ABSTRACT**

This paper arose from debates about the technological movement in the globalized world, which is based on a system of production and information in which one does not talk or listen. The generalized communication and the overload of information threat human relationships; it is a system in which predominates the artificiality through images and the excess of signification. Through a bibliographical revision, it was sought to characterize the current society in order to analyze how the virtual influences contemporary subjectivity and how social media contributes to potentialize violence and solitude in the globalized world. Although the world has advanced scientifically and technologically, is still does not provide explanations for the meaning of life. Instead, it leans towards an excessive attempt of controlling the unknown and the self. The relationships are increasingly more ephemeral and crossed by a growing violence and loneliness that, nowadays, are

constantly found in every environment. However, the virtual is enchanting and turns into an answer for curing the emptiness, but its consequences have become a new way of isolation.

**Keywords:** violence, solitude, technology, globalization.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute os agenciamentos peculiares provenientes do fenômeno da tecnologia. Aborda assuntos do campo das redes virtuais tais como a superexposição do privado ao público, da violência à solidão. Não se trata de julgar o que há de bem ou mal, não se propõe a fornecer respostas, mas trazer alguns pontos que suscitam possíveis questionamentos e reflexões em termos de funcionamento relacionados aos meios virtuais. Desse modo, nos interrogamos: de que forma a virtualidade influencia na subjetividade da contemporaneidade e de que maneira as redes sociais contribuem para a potencialização da violência e solidão no mundo globalizado?

O modo de vida tecnológico é um poder que afeta o domínio social, e reproduz efeitos que podem constituir e produzir modos alternativos de pensar, imaginar e agir. Nesse sentido, parece fundamental compreendermos o sujeito da contemporaneidade, frente ao domínio tecnológico. Como cita Lipovetsky (2005): “o indivíduo quer ser só, sempre e cada vez mais só, ao mesmo tempo em que não suporta a si mesmo estando só”. Passamos a tomar distância do mundo real e transpomos para o virtual, a tecnologia está em todos os espaços, estamos cegos e inconscientes diante da tecnologia que nos parece ser atrativa, favorecendo progresso e felicidade protótipo da desigualdade social.

## 2 AS REDES VIRTUAIS COMO REGULADORA DAS RELAÇÕES SOCIAIS

As redes virtuais estão se tornando, crescentemente, presentes na vida cotidiana. As interações sociais atuais ganham características diferenciadas; se dão em um ambiente transmidiático, com 100% de mediação, sobretudo, devido ao advento tecnológico e à facilidade com que estamos conectados à Internet. Mais e mais, os sujeitos estão desfrutando dessas ferramentas que objetivam, de maneira especial, facilitar a socialização de pessoas que encontram-se fisicamente distantes. Nos dispositivos de tanta tecnologia, será que estaríamos habitando um universo virtual e nos distanciando do humano?

Pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018) apontam que no ano de 2017, 97% dos domicílios brasileiros acessaram a internet por meio de telefone móvel, número superior aos 56,6% que acessaram por meio de microcomputadores. Estes dados confirmam o crescimento dos usuários das redes sociais; com os *smartphones*, cada vez mais modernos, o acesso às informações se tornou muito mais fácil e rápido. Afinal, é possível levá-los no bolso e utilizá-los em qualquer local. Como cita Alfredo Jerusalinsky (2017, p. 57): “Celulares, *iPhones*, *iPads*, *tablets*, *laptops*, *PCs*, são fabricados não para serem utilizados por uma elite intelectual, mas por todos [...] quanto mais sejam os usuários, melhor”. Apesar da inegável força da tecnologia, nos interrogamos como se configurarão as relações pessoais nesse mundo digital?

Na esfera atual em que a sociedade se encontra, a qual pode ser definida, segundo Bauman (2004), como era da modernidade líquida, as relações sociais, a predisposição das pessoas amarem tanto a si próprias quanto às outras é afetada, pois tudo se torna flexível, gerando uma sensação de insegurança incessante. Priorizando o relacionamento em redes virtuais, as vinculações “podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade — e frequentemente sem que isso envolva nenhum contato além do virtual —, não sabemos mais manter laços a longo prazo” (BAUMAN, 2004. p. 4).

Gueller (2017) e outros críticos sustentam que, atrás de uma tela de um celular ou computador, é muito mais fácil expor uma opinião, dizer se se agrada ou não de algo, e se uma pessoa não quiser mais manter contato com outra, diferente dos relacionamentos reais, há a possibilidade de bloqueá-la ou excluí-la a qualquer momento, sem dar qualquer justificativa. Na era digital, não é preciso decifrar os gestos dos outros indivíduos, nem sustentar o peso do olho no olho. Não sem consequências ou com tanta leveza quanto se pode aparentar, visto que nosso corpo é matéria, não cresce se não é regada com a fala endereçada a alguém.

Tendo em vista que as invenções tecnológicas oferecem aos indivíduos a sensação de não estarem sozinhos, onde há a impressão de uma escuta permanente, Sherry Turkle (2012) destaca que a solidão contemporânea e a tecnologia estão intimamente relacionadas. A utilização das redes sociais virtuais como “acompanhante” diário traz consigo três princípios que se colocam como “verdadeiros”: primeiro - é a de que temos a possibilidade de colocar nossa atenção em que quisermos, segundo - a sensação que seremos sempre ouvidos e por fim, nunca ficaremos sós. Como afirma Barbosa (2013):

A ideia de que a conexão protege da solidão e do desamparo pode ser benéfica em um mundo contemporâneo no qual as configurações familiares e sociais providenciam cada vez menos companhia e apoio; no entanto, na medida em que o que se torna natural é estar permanentemente acompanhado, não por um, não por alguns, mas por muitos "amigos" (vozes e ouvidos via comentários, mensagens, "curtidas" nas fotos etc.), a solidão passa a ser vista e sentida com pavor, como aterrorizante, como um estado de desligamento contra o qual tem de se lutar, um problema a ser resolvido, um estado que ameaça o sujeito em sua identidade e na percepção de si mesmo. (BARBOSA, 2013)

Para Assunção e Jorge (2014), a incessante busca pela validação do “eu” através da conexão, por alguns cliques, pode ser atrativa, porém, a chance do sujeito se tornar cada vez mais dependente de qualquer contato, por mais superficial que seja, como forma de lidar com o vazio e o desamparo, pode ser devastadora. O sujeito que se depara com uma situação onde não tenha contatos disponíveis, a probabilidade de que ele consiga lidar com seus próprios sentimentos de angústia é quase nula.

Turkle (2012) fala que ter uma conversa real (e por real entende-se a não virtual, com presença física) toma um tempo real e em uma conversa desse tipo não se tem controle do que se diz. Numa sociedade onde a vida é constantemente exposta a morte, nos limita ao dispositivo imaginário de uma apresentação de nós mesmos, frente ao outro que evoca o ideal eu.

Em 1914, Freud nos mostra que o narcisismo é um investimento pulsional, que pode ser direcionado para o próprio “eu” ou aos objetos, tomando seu corpo como objeto. Com efeito, ocorre a constituição subjetiva. Entretanto, o sujeito contemporâneo no crescente investimento pulsional sobre si mesmo, sofre através dos dispositivos tecnológicos, o excesso de estímulos, informações, totalmente isolado, conduz a se tornar escravo e vítima da tecnologia em virtude da promessa de gozo, controlado pelo sistema de produção, ele acaba por explorar outras formas de relações sociais.

Byung Chul Han (2017) concebe o mundo virtual desprovido de realidade do eu, isto é, que podemos encontrar no virtual, sobretudo, um “eu” tomado pelo narcisismo, suscitando paulatinamente o desaparecimento da realidade, uma negação de si mesmo e assim, sendo incapaz de estabelecer relações. Neste contexto, o sujeito moderno parece ser algoz e vítima do sistema que produz e explora a si mesmo, onde já não se distingue a dimensão imaginária, da realidade.

Poderíamos dizer que estamos perdendo a capacidade de expressões faciais e substituindo pelas expressões virtuais; observa-se que, durante uma conversa virtual, basta comunicar-se por meio de símbolos, como os chamados “emojis”, “gifs” ou “memes”. De acordo com a *Psychology Today* (2016), eles são usados com os principais objetivos de: a) aliviar tensões com sarcasmo ou humor; b) suavizar uma notícia ruim; c) encontrar uma maneira mais confortável de expressar nossas emoções; d) comunicar algo quando nos faltam palavras. Eles são a linguagem corporal da era digital, que provoca no outro o sentimento de incapacidade e a negação da palavra.

### 3 A SUPEREXPOSIÇÃO

No Facebook, uma das redes virtuais mais populares do mundo, é possível criar um perfil, compartilhar eventos, opiniões, notícias, fotos, etc. Inclusive, a cultura desta ferramenta é oferecer maneiras de compartilhar o que é mais importante para os sujeitos e ajudar a aproximar as pessoas (FACEBOOK, 2019). As formas de sociabilidade promovidas pelas redes sociais virtuais, frequentemente, pautam-se por interações, é através do compartilhamento de vídeos, fotos, mensagens e dos mais diversos tipos de publicações que o sujeito ganha visibilidade. Dessa forma, abrir um perfil de uma rede social, por haver algumas informações pessoais, acredita-se, primeiramente, que se sabe tudo sobre este “ser-no-mundo”.

Para Heidegger (2012), “o ser-no-mundo” é, sem dúvida, uma constituição necessária e a *priori* da presença, mas de forma nenhuma suficiente para determinar por completo o seu ser”. Referindo-nos ao ser-no-mundo, estaria, contudo, havendo uma hiper valorização das imagens, no sentido de buscar compreendê-la em sua essência, para além de uma página virtual, como aponta Kehl (2005): “Nossa sociedade cética, que aparentemente não acredita em mais nada, acredita cegamente nas imagens que se oferecem como suporte para o ser”.

A rede é vista como um cenário de atuações diversas onde os sujeitos têm a possibilidade de controlar, editar e retocar suas informações compartilhadas, omitindo defeitos e enaltecendo qualidades, considerando o que é culturalmente aceitável, onde o pertencimento é mais importante do que a própria força dos laços. O sujeito que está desmedidamente conectado publica o tempo todo: aonde vai; o que faz; com quem está; o que está comendo ou bebendo; mostra-se como uma vitrine de vitórias, conquistas pessoais, viagens, bens de consumo, sendo

constantemente impelido a exibir felicidade, de modo a tentar negar o desamparo humano. Como teoriza Freud, em o mal-estar na civilização a respeito da busca da felicidade:

Um outro processo opera de modo mais enérgico e completo. Considera a realidade como a única inimiga e a fonte de todo o sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela. O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. (Freud, 1996, p. 89)

Nesse contexto, pode-se destacar uma característica do sujeito na pós-modernidade, o seu narcisismo, que inicia no individualismo exacerbado, que atenta de forma primordial ao seu bem-estar pessoal, satisfação e interesses; um estado de amor por si mesmo. Tendo em vista que, atualmente, a popularidade do sujeito é medida pela quantidade de curtidas, comentários e amigos virtuais, o sujeito se constitui ao se mostrar e se exibir aos olhares externos, sendo reconhecido como instância de admiração e prazer.

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação - isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental. (FREUD, 1996, p. 73)

Para manter um equilíbrio da identidade e da autoestima, o sujeito precisa, necessariamente, expor-se como desejante e como alvo do desejo do Outro. Os olhares dos outros que mostram a esse novo narciso quão admirável ele é, caracterizando o neonarcisismo, onde os sujeitos se amam através do olhar do outro, conforme cita Lipovetsky (2005): “a busca da riqueza não tem qualquer outro objetivo a não ser excitar admiração ou inveja”. Nesse contexto, a exemplo, a fotografia não se torna valiosa pela lembrança remetida, mas pela quantidade de “likes” que recebe. A identidade do sujeito é construída pelo material fornecido pela propaganda.

Para Rogério Luz (2011), no artigo “Novas imagens: efeitos e modelos”, diz: “as imagens criadas em computador têm sido usadas correntemente em filmes de ficção ou publicitários, em créditos e em vinhetas na televisão; o sujeito que as consome é um espectador”. O autor ainda destaca, que uma nova tecnologia provoca o surgimento de uma nova linguagem.

Nesse sentido, iremos citar algumas formulações do filme “Ferrugem”, bastante atual, na sociedade altamente conectada e a exposição excessiva da vida privada. Neste filme brasileiro

lançado em agosto de 2018, dirigido e co-escrito por Aly Muritiba e Jessica Candal mostra que, além de consumidores de informações, somos também produtores de conteúdo, é algo habitual que registremos e compartilhemos situações vividas no cotidiano. A personagem Tati (Tiffany Dopke) age desta maneira, assim como seus demais colegas da escola, bem como cada um de nós. Porém, a vida de Tati se transforma por completo quando um vídeo íntimo vaza entre seus colegas, onde conhecidos e desconhecidos passam a julgar de maneira perversa. Humilhada publicamente e tomada pela depressão, Tati decide tirar a própria vida, revelando a fragilidade humana diante da própria virtualidade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sublinhamos, que o presente trabalho aborda pontos heterogêneos e vastos, e que muito pode ser discutido a partir de cada aspecto aqui citado. A ilusão subjetiva de nunca estar só *versus* o temor de se ver desprezado quando ninguém "interage" com o sujeito conectado. É fato que as novas tecnologias de comunicação e informação nos concedem acesso com rapidez, facilidade e mobilidade para realizar nossa relação com os grupos sociais aos quais pertencemos, porém, elas têm um poder viciante, que acaba por nos privar de experiências reais.

Na busca incessante de sustentar um narcisismo, ver e ser visto, há o risco do sujeito se colocar em situações de exposição ou vulnerabilidade. A extrema necessidade de compartilhar as vivências pessoais, pode se tornar algo natural, onde não mais saberemos diferenciar o que é vida privada ou pública. Essas características são, portanto, observáveis e controladas no universo virtual. Não é por acaso que a depressão, tédio, solidão e ódio fazem parte da nossa sociedade.

Podemos supor a virtualização das relações, da comunicação, sob a perspectiva freudiana de busca da felicidade, ao passo que reconstituímos para nós uma existência mais agradável e digerível. A tecnologia moderna nos dá a possibilidade de fazer edição, lapidação das relações, dos eventos e das imagens com que nos apresentamos ao mundo.

O sujeito tem a liberdade para produzir e consumir, em qualquer tempo e em qualquer lugar, no entanto, a solidão parece permanecer em todos os lugares, a qualquer momento. Podemos constatar que as redes sociais virtuais, são propostas para o confronto com o vazio, mas suas consequências favorecem uma nova forma de isolamento e violência. Notemos, pois, que

devemos encontrar formas para que não esqueçamos da importância do lugar da voz nas relações. Entretanto, para concluir nos perguntamos, o que as telas não são capazes de nos oferecer?

## REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, A.B.M.; JORGE, T.M. **As mídias sociais como tecnologias de si**. Brasília: Revista Esferas. v. 3, n. 5, p. 151-160, 2014. BARBOSA, M. K. **Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo**. São Paulo: Ide. v. 35, n. 55, p. 89-101. 2013
- BYUNG, C. H. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- BARBOSA, M. K. **Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo**. São Paulo: Ide. v. 35, n. 55, p. 89-101. 2013
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BRASIL, IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**, 2018. Acesso a internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Disponível em: < [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf) > Acesso em 13 Mar 2019
- FERRUGEM. Direção: Aly Muritiba. Produção: Eduardo Calegari. Brasil (BR): Sundance, 2018.
- FREUD, S. **O Futuro de Uma Ilusão, o Mal-Estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Edições Standard Brasileira, Vol. 21, 1996.
- GUELLER, A. S. **Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos**. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J (org.). Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Álgama. 2017. p. 63-75
- HEIDEGGER, M. Heidegger Ser E Tempo. Tradução Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- JERUSALINSKY, A. **Homo Web: o fascínio da lógica eletrônica**. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J (org.). Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Álgama. 2017.
- KEHL, M. R. **Muito além do espetáculo**. In: NOVAES, A (org.). Muito além do espetáculo. 2005. Disponível em: < <https://artepensamento.com.br/item/muito-alem-do-espetaculo/> > Acesso em 14 Mar. 2019



LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.** Barueri, SP: Manole. 2005

LUZ, R; PARENT, A. **Imagem-Máquina. A era das tecnologias do virtual.** São Paulo, SP: editora 34. 2011

PSYCHOLOGY TODAY. **Why Do We Use Emojis?** (2016) Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/contemporary-psychoanalysis-in-action/201605/why-do-we-use-emojis>> Acesso em 14 Mar. 2019

TURKLE, S. (2012). **Conectado, mas só?** Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/sherry\\_turkle\\_alone\\_together?language=pt-br#t-1161262](https://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together?language=pt-br#t-1161262)> Acesso em: 13 Mar. 2019